

O que sei de Jorge Garcia Gago da Câmara

Nunca conheci o Doutor Jorge, mas convivi largamente com o legado do meu bisavô. Creio que devemos diferenciar os dois: o médico por cujas mãos nasceu meia ilha, e o homem que se fez pai de meia-dúzia dos meus antepassados. Do primeiro há memória coletiva, história partilhada, património humano, roubando a classificação de José de Melo. Do segundo, retratos individuais díspares, construídos na solidão das relações íntimas, as que se fazem sem que alguém esteja a ver, sem objetividade, de que restam contos, apontamentos e lembranças mediadas por trinta anos de ausência.

Farei aqui por deixar que o retrato transborde até manchar a memória. Não desenharei um perfil. Limitar-me-ei, com poucas certezas, a apresentar a soma do que outros me fizeram chegar: na escola, onde colegas de secretária me passavam histórias vindas dos pais; nos almoços de família, à mesa da casa de São Pedro que ele em tempos ocupou; e, nos últimos dias, por telefone, em entrevistas e conversas com a família que cá deixou, e que é também a minha.

Jorge Garcia Gago da Câmara morreu em 1991. Nascera 77 anos antes, entre as convulsões da Primeira República. Viveu a Era dos Extremos quase sem perder um dia, e nesse breve século de regimes e contra-regimes fez-se antissistema. Desconfiado de governos e movimentos, encontrou no individuo e no natural, por oposição ao coletivo e urbano, do que fazer a causa de uma vida.

É-me difícil compreender a importância que teve o meu bisavô para Santa Maria. Foi por décadas o único médico na ilha. Estudou, muito depois de deixar a Universidade de Coimbra, toda a matéria necessária para cuidar das famílias inteiras que lhe passavam pelas mãos. Fez-se oftalmologista, obstetra, cirurgião de ocasião, médico do que fosse preciso. Essa

obra via-a eu, umas vezes acompanhado, outras às escondidas, vasculhando o equipamento e a literatura reunida por ele e preservada na casa dos Covões. Resumo-o nisto: salvou vidas, tantas quanto pode.

Num dos dois Volkswagen Carocha que possuiu, ambos verdes, corria muita da ilha para acorrer às urgências do dia. Conduzia devagar, no centro da estrada, despreocupado com os poucos outros carros. Numa viagem nesse Carocha, regressando de São Lourenço, deparou-se uma vez com um ciclista caído ao descer os Picos. Cedeu ao homem ferido o banco de trás do carro. Os dois filhos que lá seguiam fizeram o que restava do caminho a pé, enquanto o Doutor Jorge tratava o seu doente. Havia nele, homem grande, de riso explosivo mas semblante cerrado, a dureza de um humanista, o peso da missão, a necessidade de se lhe dedicar. Fez-se um educador exigente, regrado, firme.

Com os muitos netos, limou-se-lhe essa aresta. Usaria o mesmo Carocha, anos depois, para ir buscar à escola básica a minha mãe, todos os dias, sem falhar. Agendava as consultas para garantir que lá estava a horas. De vez em quando deixava-a fazer o percurso pendurada na parte de fora do carro, agarrada ao rebordo da janela. Imagino que nunca se tenha conduzido tão debagar em Santa Maria. No seu consultório, passou a ser dado como certo que quando irrompia pela sala de espera, de chucha na boca, uma das suas netas mais novas, estava fechado o dia de trabalho, houvesse o que houvesse na agenda. Era a mãe do Gil, que dá voz a este texto, essa desestabilizadora de calendários.

Dava gosto vê-lo discutir, dizem-me. Foi um intelectual, um curioso, um amante do saber. Tornou-se também um proto-ecologista, defensor do ambiente, médico-veterinário fosse para gado ou animais de estimação. Nas páginas d'O Baluarte, sob um pseudónimo, deixou registada essa paixão. Assinava como "Um Velho", e pedia que se plantassem árvores por tudo quanto era sítio. Repito aqui o seu repto. Parece-me de bom tom.

Durante 47 anos – o dobro do tempo que eu tenho de vida – partilhou os seus dias com a minha bisavó, Laura Elena Monteiro Gambôa. Sentado à cabeceira da mesa, fazia-lhe uma carícia na perna mais próxima sempre que a notava a levantar-se da cadeira. Quando os netos corriam demasiado, e passavam perto o bastante, picava-os com a ponta da pequena faca que tinha à mão para descascar a fruta. O seu filho mais velho herdou-lhe ambos estes hábitos. Duram até hoje.

Vejo nessas pequenas heranças tanto valor como nas enormidades que lhe vão valendo distinções oficiais. Interessa-me a sua vida por tudo o que fez quando não era o Doutor Jorge: por ter seguido ao longe, às escondidas, a filha mais nova da primeira vez que lhe emprestou o carro (um Carocha verde perseguindo outro mais gasto); por ter faltado a uma audiência em tribunal para ficar a construir um reservatório de água da chuva; por ser meu bisavô sem o saber, sem me ter visto, mas tocando-me por igual, como às gerações de marienses que ajudou a chegar aqui hoje, a perpetuar património.

Um jovem,

Nuno Gago da Câmara Viegas

20 de junho de 2021

Alvalade, Lisboa